

Arte e Educação

NESTE *nosso instante*, êste de *agora*, em que acabais de proferir o vosso juramento e de receber o gráu de mestres e artes, processam-se dois grandes movimentos: um de exteriorização e outro de interiorização, que não são senão concreções de *vosso e nosso tempo* vivido, e que, se me permitís, tratarei de analisá-los, para servirem como imagens de uma realidade, presença original e misteriosa, que busca e dita pressões para manifestar-se. Daí dizermos *expressões*. Expressões e exteriorizações que são o aparecer de uma profundidade, enquanto elas são as suas faces, caminhos a ela, em impulso.

Todo o exterior de *agora* é o *solene*, um *rito* quasi de efetuação de uma adaptação vossa à comunidade que vos recebe; é o afirmar uma nova dimensão do integrar-vos ao vosso mundo. Poderíamos dizer que êste tempo do *agora* é analítica de possibilidades em que, na conjuração de uma certa segurança do algo feito e adquirido e de interrogação do que havereis de fazer, há uma viva coloração afetiva. Êste movimento de exteriorização marca um acontecido, e força um pensamento de orientação.

Entretanto, e é daqui que quero partir, neste *solene* de vosso tempo do *agora*, referindo-vos ao acontecido, enumerando o que re-colhestes nestes anos, por

mais esforço que façais para expressar, haverá sempre algo oculto, e vós procurais ordenar o acontecido, não em busca de uma transmissão, mas para colocá-lo na realidade mesma do que êle significa.

Falando já de uma re-velação, um apanhar, através de manifestações, o devir ôntico, o devir das coisas. E o que é manifestação vale enquanto é *tra-dução*, isto é, um dizer através de, um conduzir além —, *tra-dução* de uma realidade, única, plena e misteriosa.

O mistério de nossa existência, e o mistério da existência de tôdas as coisas é esta realidade que nos atinge mais de cheio, à medida que avançamos em conhecimento, e procuramos um sentido atrás de tôda imagem e figura, que nos oferecem as coisas, no que são e no não são, mas que exigem que nosso pensamento a-tencioso e acolhedor capte a originalidade indizível das existências, e sejam, elas, sinais das coisas que aí estão, independentes de nós, ou mesmo das coisas que criamos, fabricamos *poièticamente*. Que o interior, o que cada realidade é nela mesmo, se exprima livremente no exterior, e tanto mais êste exterior reclame um contínuo trans-aparecer, — e é beleza — expressividade ra-

diosa de algo que se re-vela e que sempre se oculta, sendo apêlo constante a uma nova exteriorização.

E daí o mundo do artista, da expressão, no exterior sensível, das significações do interior espiritual. É o mundo da beleza no tempo, em que contam, como a todo tempo do homem, um *antes* e um *depois*, e um *agora*, um *instante* de uma criação e contemplação, expressões coexistentiais de um ser e agir, de um durar.

Movimento do exteriorizar é a mostraçãõ de um mistério que, *além de*, continúa oculto. Os tempos dêste movimento marcam-se pela inquietude, pelo questionamento e apêlo a um mais adequar-se à realidade entrevista, e nisto já está o movimento de interiorização, com seus tempos de conversão e re-velação. Ao primeiro cabe a categoria da aparência — fenômeno; ao segundo, a categoria de ser o que é, — o secreto. Ao primeiro, corresponde o mundo das imagens, figuras, sons, gestos; ao segundo, o próprio dizer e testemunhar, um participar à infabilidade da coisa mesma, inexprimível e sempre presença, origem, promessa, esperança, criação contínua, invenção e novidade absoluta.

E o homem, da arte e da educação, é o homem de tempo e história, do *antes*, do *agora*, do *depois*, de contração num presente vivido, assumindo todo o passado e decidindo um futuro, pre-meditando-o. Uma condensação e a-tensão, um questionamento sôbre o que há de vir.

êste agir, êste cumprir a própria perfeição de ser, um formar-se ser, re-velá-lo, um instaurá-lo como obra de *expressão* do original: dizer *o que é, como é*.

Obra como *ποίησις, ποίημα*: ação de fazer, fundamental, concentrar. Escutar e re-velar. Unir o que é visto, o que a-parece, com o que tem fundamento, dá sentido. É um pensar instaurador: pensar a coisa na coisa, re-unindo.

Arte, como *ποίησις*, é o dizer e não o utilizar; o dizer e o medir o que as coisas são, constituindo-se, formando-se elas no que são, no seu ser de natureza; surgir e princípio do surgir; consistência e per-manência; crescer, devir, desenvolvimento e evolução, realizar-se. Energia e dinamicidade, operação, tendendo a um fim: fundamentar a verdade, fazê-la existir e con-sistir; criação ou invenção, instauração do original com sua re-velação em *nosso tempo e nossa história*.

Pensem nas obras de um Sófocles, Shakespeare, de um Pirandello; de Baudelaire, Rilke, Claudel; de Bach, Beethoven, Debussy; de Grünwald, Van Gogh, Rouault; de Dostoievski, Proust, Thomas Mann. Que são elas? senão sêres, existências singulares, presenças, que movidas intencionalmente, foram instauradas em sua plenitude de concretiza, de perplexidade e de apelação, através de um saber-ouvir, condensar; esforço de um melhor exprimir um saber concreto de intuição e de captação, uma experiência de indizível e infinito, um conhecimento, ou como prefiro dizer, uma inteligência, isto é um *intus-legere*, penetrativo, visualizador.

E a obra feita, fim da arte, é uma fruição para o homem *que sabe*, porque tocando ao seu mistério, não o com-

Que significa um criar? Qual o sentido de uma obra, da obra de arte, senão

preendendo ou abarcando, se vê diante de uma irradiação e claridade de verdade, de unidade, de forma, ou seja, do segrêdo do ser, que é a própria forma inteligível, êste ser que é o que é um ato de ser que postula ser presença contínua, atualizada e atualizável. Nesta presença no nosso presente a contemplação implica passado, apela futuro. A continuidade não é do gênero das aquisições, nem da fixidez; é bem uma introdutora de descontinuidades, de ruturas dos resíduos sobrepostos das coisas, porque é princípio de inovação, enquanto é a-tensão e acolhida decisiva das realidades novas de plenificação.

Mas se o criar é êste pôr-se para o futuro, é no tempo do *agora*, *instante*, que as coisas nos oferecem sentido, que enquanto se mostram a nós são também marcadas pelo tempo da comunicação, pelo transcender de tôdas as figuras, imagens e formas. É no *instante* que se tornam visíveis as formas-vistas, e o que se mostra é sinal ou face de uma fundamentação, que é *ποίημα*, porque é dicção da própria coisa no seu mistério, criação.

O mistério da própria obra de arte é seu sentido, seu questionamento, na ação de expressar o próprio ato dos sêres. E porisso as atitudes que se implicam diante do artístico, sendo atitudes de contínuas aproximações, re-visões, imitações, re-conhecimentos, re-velações, que, mesmo quando firmadas em um instante escolhido, que pereniza seu segrêdo em tempo virtual, são pressentimentos de uma presença secreta, ou de uma situação, como bem nos exemplificam as obras artísticas, do teatro, do gênero poético, da pintura, do romance, da música.

Que são estas obras, senão as expressões que faltavam ao segrêdo das coisas? senão êste mistério dos sêres comunicando-se a nós, apelando-nos a êles?

No *instante*, no *agora*, os sêres, seja o objetivo ou o sujeito artista, se encontram; o mundo da coisa na sua inefabilidade e o artista em sua *ποίησις*, e a obra de arte, feita de aparência, é um liberar à significação; é *no tempo*, conjuntamente, aparição e forma.

Artista como ser, portanto, de receptividade, enquanto na sua originalidade e propriedade de pessoa concreta, é o ser aberto às coisas, que as vê, as ouve, as sente; ser, tantas vêzes já aqui dito, de a-tensão, que concentra, re-une o que a-parece e o que dá fundamento.

Instaurador de novidades em auscultando sêres, não inovador ou artificia-dor, mas à escuta e na recepção dos sêres, êle é uma potência ativa para re-criar tôdas as coisas e efetivar a própria criação, instauração do homem como ser do pensar e do agir.

Homem, ser de saber — *εἰδέναι* —, visualizador (1), ser que distingue as coisas e distingue as diferenças nas coisas. Êste distinguir pode ser entendido a tipo de saber do universal — *ἐπιστήμη* —, através de verificações fundamentadas em princípios, e há também o saber do particular — *τὸ καθ'ἕκαστον* —, da apreensão da singularidade, em conexão com o sensível — *αἴσθησις*.

O saber do homem não é apenas um conhecer intelectual; é um conhecimento, também, em que a inteligência se exerce em conexão com o sensível.

Para fazer conhecer o sensível, em sua singularidade, é o conhecimento do τὸ καθ' ἑκάστων, que é o melhor. Na expressão aristotélica êste conhecimento, porque do domínio da singularidade, em razão da penetração dêste singular, é um conhecimento "senhoril" — κυριώτατος (2). É o conhecimento da arte, porque o artista, agindo sôbre uma matéria que êle transforma, deve ter uma riquíssima experiência sensível, e uma precisão de concreteza, antes de uma penetração da natureza, ou do ser das coisas, que se fará após.

É o caminhar a uma ordenação e re-criação; uma form(a)-ação de sêres.

É essencialmente um saber de ser tempóreo, ser tenso, de relação entre não-ser e ser, matéria e forma, mas ser de unidade que fundamenta a criação, que é êste instaurar ser.

Homem e sua ação estão em relação ao objeto da arte. É uma realização humana que é visualizada; não apenas as ações humanas, mas os objetos mesmos como ações, meios de transmissão da ação humana, e de tôdas as possibilidades existenciais. Arte é uma representação do operar humano.

É a expressão de uma forma em um determinado meio sensível, através de sua apresentação, representação, interpretação (3), sejam côres, figuras, sons, ou mesmo ação, como no caso do teatro. Apresentação, representação e interpretação, em um todo completo, de "uma imagem de contornos bem traçados, na arte do desenho" ou "a imitação de uma ação e pela ação o imitar as pessoas que agem". E para tanto estabelece-se que "a ação, vista como um todo, tenha comêço, meio, fim, grandeza e ordem" (4).

O artista, homem do pensar e agir concretos, que não busca soluções, oferece a visão da unidade e da forma no seu des-cobrir a realidade, assentada na verdade. "O imitador, poeta, pintor, ou qualquer outro criador de figuras, deve sempre, em relação às coisas, seguir um dos três modos de imitá-las: ou como elas eram ou são, ou como se diz e parece, ou como deve ser" (5). É êle as exprime traduzindo a dinamicidade da vida interior, que lhe propõe, então, uma moção: o realizar e efetivar o processo de recriação.

A obra de arte como instauração, como ποίησις, é um apêlo do absoluto e do infinito que, afirmando a transcendência, nos mostra as coisas existentes numa integridade de realidade.

Educação é também arte, e como tôda arte tende a um fim: um objeto a realizar. Seu ser não poderá também ser apreendido, senão em visão de seus polos de relacionamento.

Educação é Form(a)-ação, é um realizar aquilo que foi entrevisto, a forma do ser do homem, e desta forma-vista à forma-fundamento há todo um processo de conversão, de dis-posição, de instauração do ser do homem enquanto homem.

É uma obra de form(a)-ção do homem que se realiza em conhecimento e reconhecimento, fidelidade e obediência, — verdade; em serviço e liberdade, — justiça; em cuidado e amor criação, a-tendendo ao que o homem é e *de-vém* o que *já é*, na forma de seu *dever-ser*, homem. É uma exigência de visualização do homem todo, do homem que se realiza com o tempo; do homem ser que pensa e que age, ser de relação, ser tenso, ser de passagem, ser *entre* (6).

A form(a)-ção do homem exige um dizer da experiência do homem, da tradição e da disciplina; memória mas também invenção do homem, ser criador e ser livre.

É um exigir de cultura, como o cultivo de múltiplos campos de trabalho em vista e em via à plenitude de homem, ser de natureza e de não-natureza, de auto e de hetero-educação, porque essencialmente é ser de relação, dêle consigo mesmo, dêle com outros, e com o Outro.

E aí cultura é a integração do homem no mundo das relações, no seu *aqui e agora*, no seu de-vir e na sua vocação de homem; o existir com consciência de seu ser de relação, o ser que *tem-sido* e é; o ser que *vem-sendo*, e que *ad-vém*..

Cultura como forma de ser de história e tempo, em que memória e profecia indicam seu próprio ato de vir-a-ser. Se ajuda ao homem a tornar-se plenamente, a desenvolver harmoniosamente suas qualidades, é “enquanto coloca, como dizia Nietzsche, a cada um de nós, diante de um só dever: acelerar em nós e fora de nós o filósofo, o artista, o santo, para trabalhar dêste modo na realização da natureza” (7).

Êste ser do homem é ser de tradição e disciplina, liberação e prospectiva, termo êste de Gaston Berger, que o digo, porque vejo nêle significado o poder de entender e agir, julgar e orientar o que há de vir a ser segundo o que já é, já existe, aplicando às situações o que é *devido* ao homem, ser de dinamicidade imanente e transcendente de ordenação temporal e de orientação histórica.

Cultura é um ajudar a pôr, como dever nosso, a originalidade de cada ser em plena realização, e é uma obra de

sinteressada. Não é ela o valor primeiro, uma vez que compete a ela o desenvolver as qualidades e valores que já existem; não é o valor mais eminente, porque deve subordinar-se a princípios e fins do homem; não é o valor mais profundo, porque só é valor enquanto mantém contacto com a vida criadora.

O mestre é artista; aquêle que amolda, plasma, e investe ou re-veste — *πλάττειν* e *ἐνσύνειν* — o homem segundo um modelo (8). É um *ποιητής* ou *μουσικός*; é o homem da medida, proporção, harmonia (9), enquanto também é o homem do desejo e da busca (10), o ser da co-moção que procura discernir além dos fenômenos a própria essência, forma do homem, através do processo dialético do impulso e da transcendência.

Mestre e sua função é o sensibilizar o educando para a verdade; é o ser da comunicação aos outros da verdade à qual já se adequou; é o ser da contemplação e da ação, aquêle que conhece e pronuncia, medita, reflexiona a verdade e a notifica, põe em ato.

Ser de criação a olhar e receber a herança da carne e do sangue, e a continuá-la através de um gesto criador, informador, instaurador e transfigurador da vida do espírito.

Não só um transmitir conhecimento ou ciência, mas é um comunicar ao espírito as coisas que são e operam o *ser homem enquanto homem*. É um dizer da realidade, *no que é, como é, tal qual é e deve-ser*; dizer do que se re-vela dos seres e do que se tendo re-velado é exigência e apêlo à nova re-velação.

Sua arte e sua obra: o des-cobrir a realidade dos seres de sua con-vivência,

de seu encontro, des-cobrir a realidade de cada ser.

É um ser de palavra, enquanto esta palavra é a palavra das coisas, dos sê-res. Palavra que exterioriza seu visualizar *a partir de...* e *de volta à* realidade. Ser de a-tenção ao dizer, porque *antes* e *após* é sempre ser de a-tenção aos sê-res. Não o falar apenas, mero pronunciar ou utilizar palavras, uma sonorização, mas o dizer, que é pronunciar a palavra dos sê-res.

É mestre o que sabe distinguir entre o necessário e o contingente, o absoluto e o relativo, o valor e o fator. É o homem *que sabe* dos critérios de seleção e das verificações dêste critério; homem do juízo da realidade e não justificador, contra as utilizações, rendimentos, e estimativas de coisas interessantes! sensacionais! e das discussões tornadas divertimentos!

Instaurador de novidades, êle o é, mas da novidade criadora, que no processo de verdade e no tempo do homem é fruto de um a-tender à acolhida decisiva da nossa história, que nos plenifica; novidade absoluta, resultante de uma liberação do homem, uma conquista, que só se realiza integralmente no re-conhecimento e decisão do seu ser de relação. É esta decisão é rompimento, como ruptura do passado no que êle tem de empecilho para a con-versão do homem a si mesmo, e para a con-versão do homem aos homens, que não seria mero retôrno sôbre sí, um fechamento egoístico ou dos individualismos de grupos, mas que é condução a um têrmo final, que é realização do homem no seu ser único e próprio.

A obra da educação e o ser do mestre como um aprender, escutar e a-tender,

um receber e dar. Sua ação é uma necessidade de dom e de acolhimento; é ação de re-conhecimento como forma mais perfeita de autêntico amor aos sê-res, aos quais êle é ser em dis-ponibilidade, de serviço a. Ser de recepção como doação e acolhida do mistério pressentido, do encontrar as coisas e re-velá-las.

Ser de educação, como a form(a)-ação do homem, é a ação vista como um todo de espírito que no visualizar a presença original das coisas, êste *único* de cada ser, e o *mesmo* diferenciado em cada um, se decide como ser de a-tenção, que con-centra e re-une o que a-parece e o que dá fundamento.

Sua arte é des-cobrir a realidade de cada ser; e sua experiência, não se traduz em têrmos de quantidade ou extensão, mas de profundidade, qualidade, perfeição.

Form(a)-ação do homem, obra de renúncia; um processo de verdade, do mistério do nosso existir, testemunhando o que é. Testemunho, fidelidade, verdade no conhecer e dizer, e no viver.

Verdade, como tantas vêzes já vos disse, que não é apenas um ser sincero, nem tão só a unidade do comportamento do homem com suas convicções, mas é o *ser na verdade*, que é ser na realidade, do que somos todos e do que são tôdas as coisas. Nem mero perceber intelectual, nem um progresso moral ou social. É um conhecer: penetrar, re-conhecer, aceitar, experimentar, viver fielmente, um ter parte a, e um dispor-se a.

A verdade do nosso tempo e da nossa história; nossa verdade do *aqui* e do *agora* é a des-coberta nossa, neste nosso movimento de exteriorização e de interiorização. Verdade de ser o que so-

mos, e o que devemos ser: artistas, mestres, como seres de experiência do nosso tempo vivido, do nosso historializar-mo-nos e temporalizarmos-nos, responsabilidade das nossas projeções, repetições, recriações. Fidelidade à realidade: sermos consciência dos nossos atos, que são instauradores de realidade e, portanto, sermos a-tenção às presenças presentes para formá-las segundo a exigência do que elas apelam.

Meus queridos paraninfados,
no visualizar *que são e o que são* as coisas, as vossas ações sejam marcadas pelo inteligir, re-conhecimento, fidelidade e obediência como constantes de vosso proceder em verdade para que elas tôdas venham a ser o que devem-ser.

Esta fidelidade ao próprio dever-ser, encontro do vosso tempo com um tempo de criação e re-velação, é a justiça.

E, para tanto, sejais continuamente em a-tenção, cuidado, amor devido para tôdas as coisas, para serdes autênticos criadores, “operadores com Deus”. (1).

Discurso do paraninfo, na solenidade de entrega de diplomas aos concluintes da Escola de Belas Artes de Pernambuco, da Universidade do Recife, em 15 de dezembro de 1962.

(1) Cfr. ARISTÓTELES, *Metaph.*, A, I, 980 a 21-30. Usando como termo para designar o saber o εἰδέναι, que significa ver, fundamenta-se Aristóteles com o paralelo das sensações visuais e do próprio sentido da vista, como o sentido mais desinteressado, e o que nos faz adquirir o maior número de conhecimentos, e apreciar, descobrindo, o máximo de diferenças. Podemos assim assinalar a comparação que Aristóteles estabelece entre a vista e o próprio conhecimento intelectual, à base de ser a vista o mais imaterial dos sentidos, enquanto a visão dos olhos e a visão da inteligência indicam, em uma nota comum que convém aos dois, em modos diversos, um conhecimento, imediato e direto de uma presença de objeto ao sujeito.

(2) Cfr. *Ibid.* A, I, 981b,10.

(3) É neste sentido a compreensão do termo — imitação. μίμησις

(4) ARISTÓTELES, *Poet.*, VI, 20; VII 2-3,8.

(5) *Ibid.* XXVI, 2.

(6) Cfr. M. C. Tavares de MIRANDA, *Antropologia Filosófica e Teoria da Formação Humana*, Revista da Escola de Belas Artes de Pernambuco, ano V, 1961, n.º 2, p. 24.

(7) *Consideraciones intempestivas*, III parte, trad. Eduardo Ovejero y Maury, Buenos Aires, M. Aguilar ed. 1949, p. 215.

(8) Cfr. PLATÃO, *Rep.*, II, 377 b, c.

(9) Cfr. *Ibid.*, III 412 a “O que melhor souber combinar a ginástica à música e aplicá-las em melhor proporção à sua alma, êste será o homem a quem podemos considerar como perfeito e harmonioso místico, (μουσικώτατον), com muito mais razão do que aquêle que regula as cordas de um instrumento”.

Poesia e música indicam arte, atividade que determina passagem do não-ser ao ser. Cfr. *Symp.*, 201, b, c. “Sabes que a idéia de criação (ποίησις) é algo muito vasto, desde que tôda atividade que determina encaminhamento do não ser ao ser é criação (ποίησις), e que os que as executam, os operários, são criadores (ποιηται). Sabes, que não os chamam de criadores (ποιηται), mas que êles têm outros nomes. Da totalidade da criação (ποίησις) destacou-se uma parte, aquela que diz respeito à música (μουσική) e à métrica, e é a denominação do todo que serve para designá-la. E é esta parte, somente, do conjunto da ποίησις (criação) que se chama poesia, e aquêles que possuem uma porção de criação, chamam-se poetas”.

(10) Poeta e músico são possuidores do divino, e já o próprio nome de música é atribuído conforme observa L. Méridier, ed. *Crat.*, (Budé), p. 84, n. 2, segundo que “a palavra dórica (desejar, buscar), aparentada à épica μεμαώς, é encontrada em Epicarmo, Teógnis, e trágicos; e a forma dórica Μῶσα (por Μοῦσα) facilitou uma aproximação no espírito de Platão”. Cfr. *Crat.*, 406 a. “Quanto às Musas e à música em geral, é do fato de desejar (μῶσθα), como parece, e da busca e amor da ciência φιλοσοφίας que foi dado êste nome”. Cfr. *Ion*, 533 e. “Todos os poetas épicos, os bons poetas não o são por um efeito da arte, mas por serem possuídos e inspirados por um deus, é que devem todos êstes poemas”.

(11) I *Cor.*, III, 9.

RÉSUMÉ

A PARTIR des expressions et des extériorisations d'une réalité unique, pleine et mystérieuse (celle de l'existence de toutes les choses et celle de notre propre existence) il s'établit un parallèle entre l'art et l'éducation, entre la mission de l'artiste et celle du maître.

C'est leur mission commune que la création ou l'instauration de l'original des êtres dans le temps et l'Histoire, que les analyses sur l'homme comme

être temporel, être de relations, de pensée et d'action, et les analyses de ses actes.

On délimite ainsi une théorie de la "forme — action" de l'homme (la mise en action de la forme entrevue), fondée sur une prospective, en tant que procès de vérité, de fidélité au "devoir — être", et de justice. Cette théorie réclame une attention des êtres aux présences pressenties pour les former selon leur exigence.

ABSTRACT

STARTING from the expressions and exteriorizations of a unique, pregnant and mysterious nature — reality as a symbol of the existence of all things and of our own existence — the author establishes a parallel between art and education, between the artist's and the teacher's office.

It is both the artist's and the teacher's job to try to restore the individual's original link with time and history, stemming from this view the analyses that follow of man as an essentially temporal being, a being of relations, capable of thin-

king and acting accordingly. There follows, also, an analysis of man's actions.

Explicitly, what is brought about is a form-action theory of man, that is, his putting into action some visualized form, based upon experience, tradition and discipline, liberation and perspective, as a truth seeking process, of faithfulness to a must-be and to justice, which claims for the focusing of attention upon human beings as to fulfill their needs and aspirations.